

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 12 – Discipulado cristão nas cartas de João

1 João 1 a 5; 2 João; 3 João

Elaborado por Solange Livio
slivio@ibest.com.br

O nosso conhecimento sobre o que se pode chamar de discipulado cristão tem aumentado a cada lição estudamos, face à riqueza da Palavra de Deus. Inesgotável como é, a Bíblia tem sempre algo a mais a nos ensinar, sempre que nos dispomos a examiná-la.

Chegou o momento de voltarmos o olhar, a mente e o coração para as epístolas de João. Delas recebemos ensinamentos que nos tornam discípulos melhores e mais fiéis ao querido Mestre. Mais ainda: recebemos mensagem de conforto e segurança quanto à nossa salvação em Cristo e à vida eterna que Ele nos dá.

A primeira epístola de João foi escrita numa ocasião em que falsos mestres romperam com a igreja, à qual João estava escrevendo, e tentavam seduzir os crentes com os seus falsos ensinamentos. Essa informação é encontrada na própria epístola: *“Eles saíram de nosso meio porque não eram dos nossos”* (1 João 1:19), *“Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que nos procuram enganar”* (1:26), *“Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém”* (3:7).

Embora tendo a finalidade de combater os falsos ensinamentos, a epístola tem sido considerada como escritos pastorais. Há um terno cuidado de João com seus leitores e nítido interesse em protegê-los e firmá-los na verdade. Em lugar de admoestação ríspida, há tratamento paternal e afetuoso, ao chamá-los de *“filhinhos”*, *“amados”*.

Os erros propagados pelos falsos mestres são identificados pela menção que João faz a eles na própria epístola.

As heresias constavam da negação de que Jesus é o Cristo – o Filho de Deus, preexistente, que se fez carne; de que o pecado faz parte da natureza e do comportamento do homem, interferindo na comunhão com Deus.

João não se satisfaz em combater os erros com negativas. Passou a refutá-los por meio de afirmações positivas sobre Deus, sobre Jesus Cristo e sobre a salvação do homem, fundamentadas no Evangelho apostólico que ouviram desde o princípio.

Duas grandes afirmações marcam a primeira carta de João: **Deus é luz** (1:5) e **Deus é amor** (4:8-16).

Com base nessas afirmações, João apresenta a mensagem do livro.

“Deus é luz e não nele treva alguma” (1:5). Luz e trevas são incompatíveis, não se misturam. Por isso, é impossível alguém manter comunhão com Deus, que é luz, e permanecer no pecado, nas trevas. Isaías (59:1-2) já avisara que o pecado interfere, sim, no relacionamento com Deus. Quem afirma ter comunhão com Deus, porém se encontra praticando o pecado, está mentindo (1:6), *“aquele que diz: Eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade”*, diz João (2:4).

Por outro lado, a prova de que alguém permanece em Cristo está em *“andar assim como ele andou”* (2:6). A prática continuada do pecado é inadmissível ao cristão, sob pena de prejudicar a sua comunhão com Deus.

Há outra verdade, negada pelos falsos mestres de então, e por alguns de hoje também, porém afirmada na primeira carta de João. É a realidade do pecado presente na natureza humana e, por conseguinte, no comportamento do homem. João refuta o falso ensino, dizendo: *“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”* (1:8). Engana-se a si mesmo quem pensa que não peca.

Contudo, a mensagem que ele está a proclamar não é de condenação e tristeza. É mensagem de salvação e alegria.

Conquanto seja verdade que o homem é pecador, sem exceção de nenhum sequer (Romanos 3:23; 3:10), há uma solução gloriosa, providenciada pelo amor de Deus. Então, diz o apóstolo João: *“Se confessarmos os nossos pecados, ele fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”* (1:9).

Deus faz mais que perdoar: purifica também, tira a mancha do pecado. Ele o faz porque é fiel; fiel a Si mesmo e à sua promessa – prometeu fazê-lo e cumpre a promessa feita. Ele é justo ao fazê-lo, porque a forma como faz não deixa o pecado impune. O preço dos nossos pecados foi pago por Jesus. A cruz de Cristo é o meio pelo qual a justiça se cumpre e o perdão, então, é oferecido ao pecador. Dessa forma, é *“o sangue de Jesus, seu Filho, que nos purifica de todo pecado”* (1:7).

Para que assim aconteça, há uma condição: a confissão do pecado. *“Se confessarmos”*, diz o texto. Confissão que, embora abrangente, não deve ser feita de forma geral, somente. Deve haver confissão particularizada dos pecados cometidos, um por um, de acordo com a lembrança que temos deles.

João escreve essas coisas com um propósito em mente: *“para que não pequeis”*. Esse deve ser também o objetivo do cristão: evitar o pecado, fugir do pecado, lutar para não pecar. A certeza de que há perdão disponível para os nossos pecados não pode ser tida de forma leviana.

Entretanto, João nos adverte quanto à possibilidade de um cristão pecar. Se isso acontecer, ele não está irremediavelmente condenado, ainda que, enquanto envolvido pelo pecado, a sua comunhão com Deus fique prejudicada, porque as trevas não se comunicam com a luz. Se alguém pecar, diz João, *“temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo”* (2:1). Cristo defende a nossa causa contra o nosso acusador e, junto ao Pai, reivindicar o perdão para o nosso pecado, cujo preço Ele próprio já pagou. A justificação por Ele efetuada, a preço de sangue derramando na cruz em nosso lugar, tem valor eterno. Por isso, o cristão já está justificado, precisando apenas de receber o perdão do Pai, quando peca.

A pessoa que crê em Cristo, no sentido teológico completo da palavra, *“já tem a vida eterna”*, afirmou o próprio Senhor Jesus (João 5:24). Essa é a alegre certeza do cristão: a sua salvação está assegurada por Jesus. Ele pertence ao reino da luz e do amor de Deus. Sim, porque Deus é luz e Deus é amor.

Sendo assim, o discípulo de Cristo, que deve andar como ele andou, tem duas coisas a observar:

- **obedecer** aos mandamentos de Deus – porque *“aquele que diz conhecer a Deus e não guarda os seus mandamentos é mentiroso”* (2:4). Ele deve andar pelo caminho da luz, da retidão.

- **amar** a seu irmão – porque *“aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora está em trevas (2:9), mas “aquele que ama a seu irmão, permanece na luz e nele não há nenhum tropeço”(2:10). Deus é amor e*

todo amor vem dele. Se alguém o conhece e com Ele tem comunhão, deve também amar. Amar a Deus e amar ao próximo, como ensinou Jesus.

Que bênção é ser discípulo de Cristo: viver a beleza da vida cristã, andando na luz e em amor; ter comunhão com Deus e perdão para os pecados; ter ainda a certeza da vida eterna, que lhe permitir cantar de alegria: *“Salvo por Jesus Cristo, tenho perfeita paz; a comunhão com Ele toda aflição desfaz”* (Hino 374 – CC).

Consulta bibliográfica

DRUMMOND, R. J. e MORRIS Leon
O Novo Comentário da Bíblia. Vol. III
São Paulo: Edições Vida Nova, 1963.